

## Karl Marx e o poder operário



Por **JOÃO SANTIAGO\***

*Marx, este obcecado pelo poder operário, está mais atual do que nunca em todos os movimentos operários, de mulheres, dos setores e nacionalidades oprimidas*

### 1.

“No dia 14 de março, às três horas menos um quarto da tarde, deixou de pensar o maior pensador de nossos dias. Mal o deixamos dois minutos sozinho, e quando voltamos foi para encontrá-lo dormindo suavemente em sua poltrona, mas para sempre”[\[1\]](#). Assim se expressou Friedrich Engels no início de um breve discurso que fez na sepultura de Marx. E lá se vão 140 anos que o maior pensador de todos os tempos deixou de existir!

Karl Marx, o homem de ciência, que descobriu a lei do desenvolvimento da história humana ou o materialismo histórico, que descobriu a lei específica que move o atual modo de produção capitalista, a mais-valia, era antes de tudo, nas palavras de Friedrich Engels “um revolucionário”.

Durante toda sua vida, o motor de sua existência foi a luta pela conquista do poder político pela classe operária, pelo proletariado. Desde a Liga dos Comunistas, quando ele e Friedrich Engels fizeram sua “revolução” teórica e política e inscreveram a palavra-de-ordem “Proletários de todos os países uni-vos”, até a I Internacional, quando carimbou nesta que o objetivo principal da classe operária era a “tomada do poder político”, e depois passando pela Comuna de Paris, a primeira tentativa heroica, mas derrotada, de poder político dos trabalhadores e trabalhadoras, em todos esses momentos, o que animava Marx era essa obsessão pela conquista do poder político pelo proletariado.

Quando os líderes cartistas lhe convidaram unanimemente para ser delegado de honra à sessão de abertura do primeiro “Parlamento Operário” em Manchester, Inglaterra, em março de 1854, Marx não pode comparecer por diversos motivos de natureza material, mas explodiu de alegria e manifestou esse sentimento em um artigo, datado de 29 de março deste ano ao *New York Daily Tribune*, onde dizia que: “a imprensa seria obrigada a falar do Parlamento Operário e, não obstante essa indiferença, algum historiador futuro lembraria que no ano de 1854, existiram dois parlamentos em Manchester - um parlamento dos ricos e um parlamento dos pobres - mas que os homens seguiriam somente o Parlamento dos trabalhadores e não o parlamento dos senhores”.[\[2\]](#)

E para o jornal dos Cartistas, *The People's Paper*, de 18 de março, o entusiasmo não foi menor quando escreveu: “A convocação somente desse Parlamento marca uma nova época na história do mundo. A notícia desse grande acontecimento despertará as esperanças da classe operária através da Europa e da América”.[\[3\]](#)

A obsessão de Marx pela conquista do poder político pela classe operária inglesa não alcançava eco entre os líderes cartistas, a não ser em sua ala esquerda liderada por Ernest Jones (1819-1869), este amigo de Marx e Engels, o qual é

citado em mais de trinta e seis cartas (das 183), nos anos de 1852-53, trocadas entre Marx e Engels ou entre Marx e seus companheiros nos Estados Unidos.[\[4\]](#) Mas, decididamente, a maioria dos dirigentes cartistas era contra o combate político e o movimento de massas.

Quinze anos depois, com a Comuna de Paris de 1871, as esperanças de Marx na instalação de um poder operário se reacenderam. No opúsculo *A guerra civil em França*, Marx concluiu que os *communards* foram heroicos e lutaram até o último homem e última mulher para colocar abaixo o poder capitalista de Versailles: era a “Comuna”, o poder operário em Paris contra a “assembleia de vampiros”[\[5\]](#) em Versailles. Entretanto, mais uma vez, os dirigentes decepcionaram, principalmente os blanquistas e anarquistas (seguidores de Proudhon), que eram maioria na Comuna. Era preciso quebrar de uma vez por todas a máquina estatal burguesa; era preciso expropriar o Banco de França que financiava os capitalistas; era necessário marchar desde o início até Versailles e exterminar o exército inimigo... Nada disso foi feito. Os líderes fracassaram e a carnificina sobre os *communards* foi total. Friedrich Engels chegou a escrever anos depois: “querem saber o que é a ditadura do proletariado, olhai para a Comuna de Paris”.

Em vida, Marx não conseguiu ver seu maior desejo realizado: a instauração de um poder operário e a eliminação da burguesia enquanto classe social dominante. Ele havia escrito com chave de ouro para o Manifesto de fundação da I Internacional em 1864 que a obrigação do proletariado “é tomar o poder político”.

## 2.

Foram necessários mais trinta e quatro anos depois de sua morte, para que seu grande sonho se realizasse (mas, de forma efêmera): em 1917, em outubro, pela primeira vez na história, num país de dimensões continentais, a classe operária russa, imensamente minoritária em relação aos camponeses, tomava o poder e colocava abaixo a dominação burguesa-aristocrática, uma dinastia czarista que dominava há cinco séculos a Rússia havia sido derrubada como um castelo de cartas pelo vigor de operárias e operários em revolução.

Inaugurava-se na história a era da revolução socialista mundial. A burguesia mundial, que travava entre si uma Guerra Mundial pela partilha do mundo, entrou em polvorosa. Dessa vez os que estavam à frente da revolução eram dirigentes políticos, teóricos, militantes de longa data e marxistas, que sabiam para onde queriam ir: para Lênin e Trotsky, a revolução russa era só um elo da revolução mundial, e faziam um chamado para que a Europa, a América e a Ásia se rebelassem contra os seus “senhores”, patrões capitalistas.

Eles sabiam que sozinha a Rússia não conseguiria destruir o capitalismo mundial. Era necessária uma ajuda do Ocidente. E ela veio: o proletariado alemão, um dos mais numerosos, um dos mais politizados por anos de agitação social-democrata, com a derrota da burguesia alemã na guerra, colocou abaixo o império de um só golpe e entregou o poder aos dirigentes social-democratas. Os conselhos operários se espalharam por toda a Alemanha como um rastilho de pólvora; os operários estavam de armas na mão.

Entretanto, através da mais péruida traição – sim traição como categoria histórica, tal como Spartacus foi traído por comerciantes mercenários e seis mil escravos foram crucificados pelo odiado Império Romano ou tal como Joana D’Arc foi traída pela monarquia e pela Igreja francesa entregando-a para ser queimada viva pelos ingleses – os dirigentes social-democratas (assim como tinham feito em 1914, ao votar a favor dos créditos de guerra com um único voto contra de Karl Liebknecht) decidiram governar com a burguesia em um parlamento escroque, e deram a ordem para iniciar um banho de sangue contra os operários, obrigando-os a se desarmarem, e assassinando a única esperança de direção consequente na Alemanha: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.[\[6\]](#)

Sozinha e isolada, depois de três anos de guerra interburguesa e mais de três anos de guerra civil, e a morte prematura de Lênin em 1924, os inimigos da revolução mundial, os burocratas e carreiristas, tomavam de assalto o poder e os destinos

# a terra é redonda

da Revolução de Outubro. Stálin e sua camarilha venceram. Era preciso expulsar e exilar o “último cérebro”, o último expoente da revolução mundial: Leon Trotsky. Mais uma traição – aqui novamente, “traição” como categoria histórica. Stálin e sua camarilha, uma burocracia usurpadora, preferiu cuidar de seus “interesses” a expandir a revolução mundial. Graças à força da revolução de outubro, a URSS se manteve como um estado operário e o imperialismo mundial, os estados capitalistas, não conseguiram quebra-lo a curto e médio prazo.

Com essa burocracia a frente do único estado operário do mundo, o que se viu foi uma série histórica de traições: o banho de sangue dos comunistas chineses em 1927 por conta da orientação de Moscou de se aliar com Chiang-Kai-Chek; a traição na Alemanha dos anos 1930-1933, quando igualou a social-democracia com os nazistas, impedindo a frente única operária e possibilitando a ascensão triunfal de Hitler e seu bando fascista; a traição na guerra civil espanhola, fazendo pacto com os capitalistas e desarmando as milícias operárias, o escandaloso Pacto de não-agressão com Hitler, em agosto de 1939, pacto que vai custar a vida de cerca de 20 milhões de soviéticos até o final da guerra, a destruição de 40 mil hospitais e 84 mil escolas, dentre outras e a dissolução da III Internacional.

Mais uma vez a noite das grandes traições prevaleceu após a guerra. Sob a liderança de Stálin, a URSS renuncia a destruir o capitalismo em toda a Europa Ocidental, a URSS, a grande vitoriosa da guerra interimperialista. Bastava uma ordem de Moscou: os comunistas eram maioria na Resistência francesa, e não o escroque General De Gaulle a quem Stálin entregou o poder político; igualmente na resistência italiana e na Grécia. Com os acordos de Yalta e Potsdam se selou a divisão do mundo em área de influências e a criminosa divisão da Alemanha, quando a URSS poderia, por direito de guerra, ter ficado com toda a Alemanha.

E assim, pisando nas brasas da mais péruida das traições, da maior em toda a história mundial, o capitalismo teve uma sobrevida por longos vinte anos após a II Guerra Mundial, para explorar outra vez os operários no mundo inteiro. Mais uma vez o sonho de Marx, a instauração de uma sociedade socialista mundial, foi adiado.

## 3.

Entretanto, o “boom” econômico do capitalismo do pós-guerra teve vida curta. Mais uma vez as teses de Marx sobre a *debacle* da burguesia soaram tão fortes quanto as trombetas de Jericó; mais uma vez o sistema capitalista entrou em uma crise terminal, crise que o trotsquista argentino Nahuel Moreno denominou de “crise crônica”, pois desde então o capitalismo nunca mais teve novos surtos de boom econômico. Ao contrário: desde os choques do petróleo em 1973 e 1979, com a Guerra do Yom Kippur e a revolução iraniana que derrubou o Xá Reza Phalevi, respectivamente, as crises se sucederam uma atrás da outra sem piedade, dessa vez arrastando implacavelmente os “Estados operários”.

Ao não conseguir garantir mais sua estabilidade econômica, com a crise dos preços dos produtos e do trabalho, a URSS também não consegue mais segurar os seus “satélites” no Leste Europeu. E é por lá que a tempestade política, as revoluções políticas como chamava Leon Trotsky, vão iniciar. A fuga dos alemães orientais pela fronteira da Hungria foi o estopim, o começo do fim do império soviético. Em 1989 (de agosto a novembro) caiu o maior símbolo da “guerra fria”, dos acordos de Yalta e Potsdam: o “muro de Berlim”.

Uma revolução toma conta do Leste Europeu: uma por uma as ditaduras stalinistas vieram abaixo como um “castelo de cartas” – a mais emblemática, a romena, fuzilou Caescescu e sua mulher. dois anos depois, em 1991, após uma divisão na burocracia, tendo Boris Yeltsin a frente, as massas soviéticas colocam abaixo a maior organização burocrática do planeta, o Partido Comunista Soviético. Com o fim do império soviético, os movimentos de autodeterminação das nacionalidades explodem como fogo no paoi.

A URSS deixa de existir. E com ela a teoria do “socialismo num só país”. Como havia dito Marx em *A Ideologia Alemã*, toda essa “velha porcaria” do capitalismo se instalou rapidamente nos países do leste europeu e na ex-URSS: desemprego,

# a terra é redonda

miséria, fome, prostituição, máfias, criminalidade, a tal ponto de gerar um Putin, como chefe maior das máfias que fizeram a maior privatização da história, liquidando todas as conquistas da revolução de outubro.

Agora, os movimentos de massas seriam independentes a nível mundial, livres da camisa de força stalinista, do peso histórico que os PC's tinham em todos os países onde existia... O capitalismo teve sua vitória em 1989, conseguiu trazer para si um terço da humanidade que esteve sob a influência do "socialismo real". Mas, as massas também trouxeram para si um triunfo relativo com essas revoluções: agora estavam liberadas para fazer movimentos e revoluções independentes, sem ter um freio poderoso nas suas lutas, como eram os partidos comunistas em todo o mundo.

O fato é que, após trinta anos da queda do "Muro de Berlim", não tivemos no mundo nenhuma revolução vitoriosa, tal como a revolução russa de 1917. Todos os velhos e novos dirigentes das massas fracassaram, mantiveram a propriedade privada capitalista intocável.

Após a queda do "Muro de Berlim", e a desordem mundial instalada, sem controle, novos dirigentes tentaram ocupar o vazio deixado pelo stalinismo a nível mundial: Hugo Chavez na Venezuela, e seu sucessor o ditador Nicolas Maduro, Lula no Brasil, Syriza na Grécia, Podemos na Espanha, Evo Morales na Bolívia, Melenchon na França.

Todos os que chegaram ao poder fracassaram, "traíram" as massas e seus princípios; com Hugo Chavez (e Maduro) e Lula, Evo Morales, Daniel Ortega na Nicarágua - o ex-dirigente sandinista que derrubou Somoza em 1979, e agora massacra e assassina seu povo que sai às ruas para protestar; seus países e povos continuaram tão pobres e miseráveis como antes, porque novamente aplicaram as mesmas receitas, com novos nomes, "socialismo do século XXI", para tentar conciliar o inconciliável: a economia estatal com a economia privada, "empresas mistas", etc. O Syriza na Grécia, com Tsipras, foi mais longe: além de não cumprir o seu programa de não pagar a dívida à Troika, não acatou o plebiscito, onde a maioria do povo disse não ao pagamento da dívida. Os que não governaram fracassam rapidamente, como o Podemos na Espanha, que se coloca contra a legitima independência do povo catalão.

Diante da multiplicação das lutas das massas, os setores mais reacionários das classes dominantes, a "extrema direita" tenta resolver a crise capitalista à sua maneira, tentando quebrar a espinha dorsal dos explorados, sua unidade como um só povo explorado, trabalhador, dividindo imigrantes x nativos, ganhando parte da população para esse seu discurso reacionário; o máximo exemplo foi Donald Trump nos Estados Unidos, mas tem seus aliados na Europa e no resto do mundo, como o genocida Jair Bolsonaro no Brasil.

Mas isso é uma lei da história: ou os revolucionários tomam o poder e param a sanha louca do capitalismo ou o mundo verá a excrescência do poder burguês, governar países importantes no mundo, impondo mais sacrifícios e guerras ao povo trabalhador, como estamos vendo hoje na guerra assassina de Vladimir Putin na Ucrânia.

Há cento e quarenta e um anos da morte de Marx, um revolucionário e comunista autêntico, que jamais conciliou com a burguesia os interesses do proletariado, é hora de uma nova virada histórica. Quando mais uma vez a guerra de rapina de Vladimir Putin na Ucrânia, que está arrastando para o cenário de guerra (mesmo que indiretamente) todo o imperialismo ocidental e coloca em perspectiva mais e mais guerra; quando mais uma vez a crise econômica do capitalismo, que se tornou crônica, agora com a quebra do banco SVP do Vale do Silício, coloca mais demissões e mais sofrimentos para os trabalhadores e as massas no mundo inteiro, está mais do que na hora de instalar um verdadeiro "Parlamento Operário", dirigido por autênticos e honestos revolucionários, que falem a verdade para as massas, que digam desde o início que a saída dos trabalhadores e dos povos pobres do mundo capitalista é a repartição da riqueza concentrada nas mãos de cem capitalistas e suas empresas, é a expropriação da burguesia mundial, transnacional, nacional. Está mais do que na hora de evitarmos a catástrofe ambiental que os capitalistas estão espalhando para todo o planeta.

A consigna "Socialismo ou Barbárie" de Rosa Luxemburgo pode ser traduzida hoje para "socialismo ou Catástrofe". Alguém precisa parar o touro de Wall Street! Só o proletariado, homens e mulheres, com suas lutas e sua organização revolucionária podem fazê-lo. Os exemplos das greves gerais na França contra a reforma da Previdência, da luta das

mulheres iranianas contra a ditadura islâmica dos aiatolás, a luta do povo peruano contra a repressão do governo de Dina Boluarte, as greves de trabalhadores que contagiam o Reino Unido, a heroica luta das mulheres e do povo palestino contra o Estado sionista de Israel desde 7 de outubro de 2023 que já custaram mais de 30 mil mortos, são todas manifestações deste poder operário.

É preciso tomar o poder, é preciso uma direção alternativa e revolucionária às mais diversas variantes burguesas e pequeno-burguesas, tão combatidas por Marx e Engels em toda sua vida, principalmente os governos de conciliação de classes ou de Frente Ampla, como vemos hoje na Argentina, no Brasil, na Bolívia, que semeiam ilusões e descrenças nas massas, que dão espaço para as formas mais extremistas e podres da burguesia, a se negarem a expropriar esta classe dominante.

Marx, este obcecado pelo poder operário, está mais atual do que nunca em todos os movimentos operários, de mulheres, dos setores e nacionalidades oprimidas, que no mundo inteiro enfrentam a burguesia e seus agentes colaboradores no interior do movimento operário. Bem que Marx merecia uma nova Revolução Russa, em sua mais legítima autenticidade.

“Proletários de todos os países, Uni-vos!”.

\***João Santiago** é professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA).

## Notas

[1] Friedrich Engels. Discurso diante da sepultura de Marx. In: Karl Marx, Friedrich Engels, *Obras Escolhidas*, Volume 2, São Paulo, Editora Alfa-Omega, pp. 351-352.

[2] Karl Marx, *Oeuvres Politique I*. Éditions Gallimard: Paris, 1994. Le Mouvement Ouvrier en Angleterre, pp. 736-760.

[3] Idem, *Oeuvres Politique I*, pp. 754-755.

[4] Marx/Engels (1972). *Correspondance*, Tome III, Janvier 1852 jun 1853, Editions Sociales, Paris.

[5] Karl Marx, *A guerra civil em França*. Edições Avante, 1983, pág. 76.

[6] . Sobre a revolução alemã, consultar Sebastian Haffner, *A Revolução Alemã* (1918-1919), Expressão Popular, 2018. A edição francesa de 2018 traduziu do original alemão com o título Allemagne, 1918: une révolution trahie, “Alemanha, 1918: uma revolução traída”, Marseille, Agone, 2018.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**CONTRIBUA**